OECD

PISA EM FOCO 49

educação política educação política educação política educação política educação política educação política educação política

O que está por trás da desigualdade de gênero na educação?

- Enquanto o PISA revela grandes diferenças de gênero em leitura, em favor de meninas de 15 anos de idade, essa diferença é menor quando as habilidades de leitura em meio digital são testadas. De fato, o Exame de Habilidades de Adultos (Survey of Adult Skills) sugere que não há diferenças significativas de gênero na proficiência em letramento digital dentre os jovens de 16 a 29 anos de idade.
- Meninos são mais propensos a ter baixo desempenho quando frequentam escolas com uma grande proporção de estudantes socioeconomicamente desfavorecidos.
- Meninas – mesmo aquelas de alto desempenho escolar – tendem a ter baixo desempenho em comparação com os meninos quando são convidadas a pensar como cientistas, a exemplo de quando são convidadas a formular situações matematicamente ou interpretar fenômenos cientificamente.
- Os pais são mais propensos a esperar que os seus filhos, em vez de suas filhas, trabalhem em um campo da ciência, tecnologia, engenharia ou matemática – mesmo quando seus meninos e meninas de 15 anos de idade apresentam o mesmo nível de desempenho em matemática.

Ao longo do século passado, os países da OCDE fizeram progressos significativos na redução ou eliminação de disparidades de gênero de longa data em muitas áreas de educação e emprego, incluindo nível de escolaridade, remuneração e participação no mercado de trabalho. Este fato implica outro: que aptidão não tem gênero. Dadas oportunidades iguais, meninos e meninas, homens e mulheres têm chances iguais de alcançar os mais altos níveis.

No entanto, novas disparidades de gênero na educação estão surgindo. Jovens do sexo masculino são significativamente mais propensos do que os de sexo feminino a serem menos engajados com e na escola e a possuírem baixas habilidades e baixo desempenho escolar. Eles também são mais propensos a abandonar a escola cedo, muitas vezes sem qualificação. Os meninos nos países da OCDE, por exemplo, são oito pontos percentuais mais propensos do que meninas a relatar que a escola é um desperdício de tempo. No entanto, no ensino superior e em diante, as mulheres jovens estão sub-representadas nas áreas de matemática, ciências da computação e física. Em 2012, apenas 14% das mulheres jovens que entraram na universidade pela primeira vez escolheram campos relacionados à ciência, incluindo engenharia, indústria e construção. Em contrapartida, 39% dos jovens de sexo masculino que entraram na universidade naquele ano optaram por seguir um desses campos de estudo.

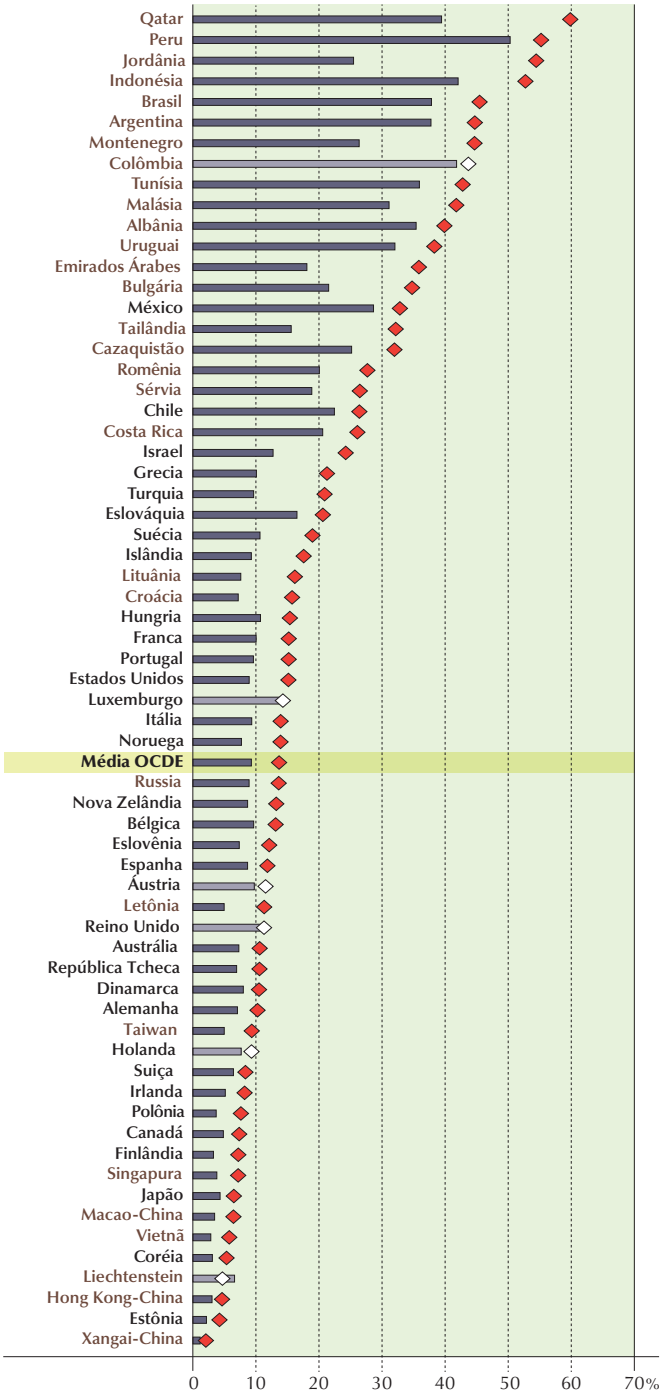
Baixo Rendimento Escolar entre os meninos

O PISA demonstra que os meninos de 15 anos de idade são mais propensos do que as meninas de mesma idade a ter um fraco desempenho geral. Em 2012, 14% dos meninos e 9% das meninas não atingiram o nível básico de proficiência em qualquer um dos três temas centrais medidos pelo PISA - leitura, matemática e ciências. Na verdade, seis em cada dez alunos que não atingiram o nível básico de proficiência em qualquer uma dessas matérias eram meninos. Há muitas razões possíveis para o fraco desempenho dos meninos na escola, e muitas delas estão relacionadas às diferenças de comportamento entre os gêneros. Por exemplo, os meninos gastam uma hora a menos por semana em deveres de casa do que as meninas - e cada hora de dever de casa a mais por semana se traduz em uma pontuação de quatro pontos maior nos testes de leitura, matemática e ciências do PISA. Fora da escola, os meninos gastam mais tempo jogando videogames do que as meninas e passam menos tempo lendo por prazer, em particular textos complexos, como ficção. A proficiência em leitura é o alicerce sobre o qual todo aprendizado é construído; quando os meninos não leem bem, o seu desempenho em outras disciplinas escolares também sofre.

 © OECD 2015

Os meninos são mais propensos a não obter um desempenho satisfatório em qualquer uma das 3 áreas centrais do PISA

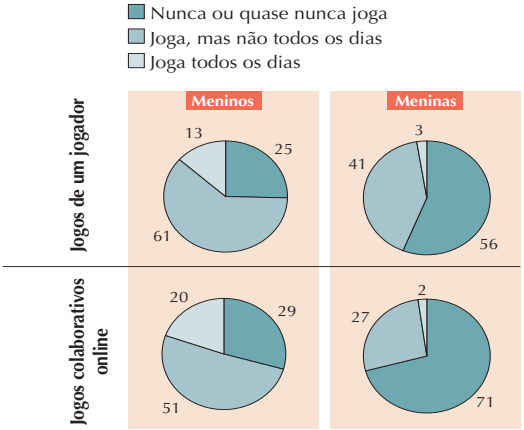
Diferenças de gênero no percentual de meninos e meninas com desempenho abaixo do Nível 2 de proficiência em leitura, matemática e ciências



Observação: Diferenças de gênero que são estatisticamente significantes estão indicadas em tom mais escuro.
Os países e as economias estão classificados por ordem decrescente do percentual de meninos com baixo desempenho (abaixo do Nível 2 de proficiência do PISA) em leitura, matemática e ciências.
Fonte: OECD, Banco de dados PISA 2012.

As diferenças de gênero quanto a jogar jogos de video game fora da escola são surpreendentes

Percentual de estudantes, dentre países da OCDE



Fonte: OCDE, Banco de dados PISA 2012

Falta de autoconfiança entre as meninas

Em geral, as meninas têm menos autoconfiança do que os meninos em sua habilidade para resolver problemas de matemática ou de ciências. As meninas também são mais propensas a expressar fortes sentimentos de ansiedade em relação à matemática e isso é verdadeiro mesmo entre meninas de desempenho elevado. Em média, dentre os países da OCDE, a diferença de pontuação no desempenho em matemática entre meninas e meninos de desempenho elevado é de 19 pontos. No entanto, quando se comparam os meninos e meninas que relataram níveis semelhantes de autoconfiança e de ansiedade em relação à matemática, a diferença de gênero em desempenho desaparece.

O PISA revela que as meninas tendem a se saírem melhor quando são obrigadas a trabalhar em problemas matemáticos e científicos que são mais semelhantes aos que são rotineiramente encontrados na escola. Mas quando obrigadas a "pensar como cientistas", as meninas tem desempenho consideravelmente inferior em relação aos meninos.

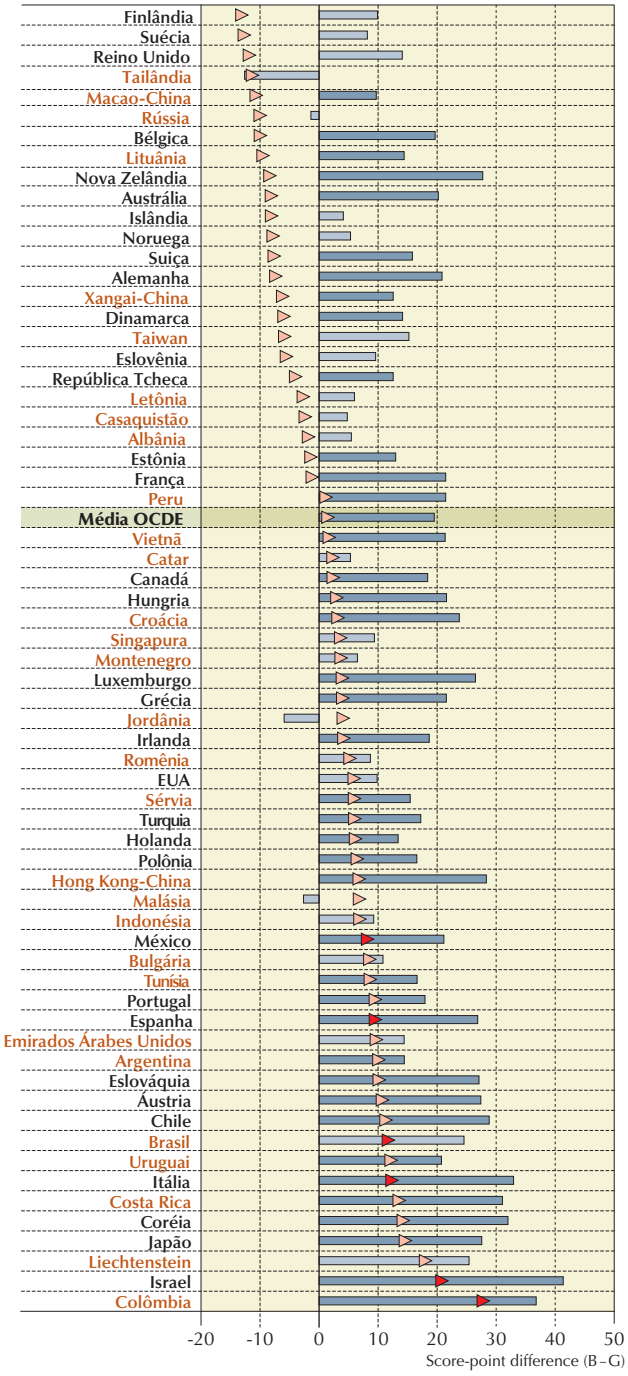
Por exemplo, as meninas tendem a ter baixo desempenho em comparação com os meninos quando são solicitadas a formular situações matematicamente. Em média, dentre os países da OCDE, os meninos superam as meninas nessa habilidade em cerca de 16 pontos no Pisa - o equivalente a quase cinco meses de escola. Os meninos também superam as meninas - em 15 pontos - na capacidade de aplicar os seus conhecimentos de ciências a uma determinada situação, para descrever ou interpretar fenômenos cientificamente e prever as mudanças. Essa diferença de gênero na capacidade de pensar como um cientista pode estar relacionada à autoconfiança dos estudantes. Quando os estudantes são mais autoconfiantes, eles se dão a liberdade de falhar, de se envolver nos processos de tentativa e erro que são fundamentais para a aquisição de conhecimentos em matemática e ciências.

 © OECD 2015

Quando meninos e meninas são igualmente confiantes em suas habilidades, a diferença de gênero no desempenho em matemática diminui

Diferença de gênero antes de considerar a diferença dos dois grupos em termos de autoconfiança em matemática

Diferença de gênero após considerar a diferença dos dois grupos em termos de autoconfiança em matemática



Observação: Diferenças de pontuação entre meninos e meninas que são estatisticamente significantes estão indicadas em tom mais escuro.
Os países e as economias estão classificados em ordem crescente da diferença de pontuação em desempenho após a contabilização de diferenças de gênero quanto à autoconfiança em matemática.
Fonte: OECD, Banco de dados PISA 2012.

O que esses resultados significam para o futuro dos alunos

O PISA tem constatado consistentemente que, em geral, as meninas possuem expectativas mais elevadas em relação a suas carreiras do que os meninos; mas, em média, dentre os países da OCDE, menos de 5% delas pensam em seguir uma carreira em engenharia e computação. Em praticamente todos os países, o número de meninos pensando em uma carreira em computação ou engenharia excede o número de meninas que contemplam tal carreira.

Por outro lado, os meninos parecem estar mais bem preparados do que as meninas para entrar no mercado de trabalho ou para procurar um emprego. O PISA demonstra que a parcela das meninas de 15 anos de idade que relata não ter aprendido como se preparar para uma entrevista de emprego é mais do que 10 pontos percentuais maior do que a proporção de meninos que relatou o mesmo. E maiores proporções de meninos do que meninas relataram ter participado de atividades in loco como estágios e visitas de observação em contextos de trabalho.

À medida que os meninos amadurecem e se tornam jovens adultos, eles também adquirem, no trabalho e através da experiência de vida, algumas das habilidades de leitura que eles não haviam adquirido na escola. Os resultados do Levantamento de Competências dos Adultos de 2012 (2012 Survey of Adult Skills), um produto do Programa da OCDE para a Avaliação Internacional das Competências dos Adultos (Programme for the International Assessment of Adult Competencies - PIAAC), observam que não há diferenças significativas entre gêneros quanto à proficiência em letramento entre jovens de 16 a 29 anos de idade. Entre os trabalhadores na faixa de 30, 40 e particularmente aqueles em seus 50 e 60 anos, os homens parecem ser consideravelmente mais propensos do que mulheres a ler, escrever e usar habilidades de resolução de problemas no trabalho.

PISA EM FOCO

Como reduzir – ou eliminar – as diferenças de gênero na educação

Os pais podem dar aos seus filhos e filhas igual apoio e incentivo para todos os seus trabalhos escolares e aspirações para o seu futuro. Resultados do PISA mostram que isso nem sempre acontece. Em todos os países e economias que perguntaram a pais de estudantes que fizeram o teste do PISA, verificou-se que os pais estavam mais propensos a esperar que os seus filhos, em vez de suas filhas, trabalhassem em um campo da ciência, tecnologia, engenharia ou matemática - mesmo quando seus meninos e meninas de 15 anos de idade obtinham o mesmo desempenho em matemática.

Os professores podem ajudar tornando-se mais conscientes de seus próprios vieses de gênero que podem afetar a forma como eles atribuem nota aos alunos. Eles também poderiam receber treinamento adicional em como proporcionar apoio suplementar aos estudantes socioeconomicamente desfavorecidos, uma vez que o PISA demonstra que os meninos são mais propensos a ter baixo desempenho quando frequentam escolas com uma grande proporção de estudantes desfavorecidos. Além disso, os professores podem usar estratégias de ensino que exijam mais de seus alunos, já que os estudantes, e particularmente as meninas, tendem a ter um melhor desempenho em matemática quando seus professores lhes pedem para tentar resolver problemas de forma independente.

Em alguns dos países e economias com melhor desempenho no PISA, como Hong Kong-China, Xangai-China, Singapura e Taiwan, as meninas obtêm desempenho em pé de igualdade com os seus colegas do sexo masculino em matemática e alcançam pontuações mais altas do que todos os meninos na maioria dos outros países e economias do mundo. Do mesmo modo, enquanto em todos os países e economias os meninos tem desempenho inferior às meninas em leitura, e por uma larga margem, os meninos nos sistemas de ensino de alto desempenho obtêm pontuações muito mais altas em leitura do que as meninas em outros lugares.

Para concluir: o PISA mostra que as disparidades de gênero no desempenho acadêmico não são determinadas por diferenças inatas em habilidade. É necessário um esforço concertado por parte dos pais, professores, políticos e líderes de opinião para que meninos e meninas sejam capazes de empregar todo o seu potencial e contribuir para o crescimento econômico e o bem-estar de suas sociedades.

Para mais informações

Contatar Francesca Borgonovi (Francesca.Borgonovi@oecd.org) ou Marilyn Achiron (Marilyn.Achiron@oecd.org)

Veja O ABC da Igualdade de Gênero na Educação: Aptidão, Comportamento, Confiança (The ABC of Gender Equality in Education: Aptitude, Behaviour, Confidence), PISA, OCDE, Paris.

Visite

www.pisa.oecd.org
www.oecd.org/pisa/infocus
Education Indicators in Focus
Teaching in Focus

No próximo mês

Será que o clima escolar afeta o envolvimento dos alunos com a escola?

A qualidade da tradução para o Português e sua fidelidade ao texto original são de responsabilidade do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - Inep, Brasil.

Crédito das Fotos: © khoa vu/Flickr/Getty Images © S hutterstock/Kzenon © Simon Jarratt/Corbis
Este documento é publicado sob responsabilidade do Secretário Geral da OCDE. As opiniões expressadas e os argumentos empregados no mesmo não refletem necessariamente a visão oficial dos países membros da OCDE.
Este documento e qualquer mapa aqui incluído não tem juízo de valor ao status de ou soberania sobre qualquer território, delimitação de fronteiras ou limites internacionais, tampouco ao nome de qualquer território, cidade ou área.
Observação: Os dados estatísticos referentes a Israel são fornecidos pela e sob responsabilidade das autoridades israelitas relevantes. O uso desses dados pela OCDE não tem juízo de valor sobre o status das Colinas de Golã, Jerusalém Oriental e dos assentamentos israelitas na Cisjordânia sob os termos da lei internacional.